

**ICNOFÓSSEIS E PARASSEQÜÊNCIAS NA FORMAÇÃO FURNAS
(DEVONIANO, BACIA DO PARANÁ)**
TRACE-FOSSILS AND PARASEQUENCES IN THE FURNAS FORMATION
(DEVONIAN, PARANÁ BASIN)

LOBATO, G.¹; BORGHI, L.¹

¹ Departamento de Geologia, IGeo/UFRJ, RJ, lborghi@geologia.ufrj.br, lobato@geologia.ufrj.br

A presença de icnofósseis nos arenitos da Formação Furnas vem sendo abordada pela literatura geocientífica nacional, sobretudo desde a década de 1990, o que tem suportado muitas das interpretações paleoambientais marinhas (icnofácies Skolithos e Cruziana) feitas para essa unidade do Devoniano Inferior da bacia do Paraná. Estudos sedimentológicos e estratigráficos realizados em afloramentos contendo tais registros icnofossilíferos, por outro lado, têm auxiliado a caracterização de elementos arquiteturais (arquitetura deposicional) formados em um paleoambiente marinho raso e extenso (“rampa”), cuja sedimentação foi influenciada pela ação de marés e tempestades. Na região de São Luiz do Purunã (PR), a caracterização icnológica e sedimentológica do afloramento sito no km 139,5 da BR-277 permitiu reconhecer uma icnocomunidade muito pouco diversificada, porém abundante (índice de icnotrama 3), de *Furnasichnus langei* Borghi & Fernandes, 2001 e *Palaeophycus tubularis* Hall, a qual ocorre em um pavimento arenoso, exposto. O pavimento é relacionado a uma superfície de acamamento que delimita um elemento arquitetural AFr (Acreção Frontal em Arenitos). Este elemento é interpretado como registro da migração de *sandwaves* de maré amplificadas por tempestades, no contexto do paleoambiente marinho devoniano da bacia. Em tal contexto é que a icnocomunidade *F. langei*–*P. tubularis* é sugerida como diagnóstica da icnofácies Cruziana na Formação Furnas, embora não caracterizando uma assembléia icnológica arquetípica da icnofácies. Não obstante, a abundância desses icnitos de locomoção/alimentação no pavimento arenoso estudado (ii3) indica uma drástica redução na taxa de acumulação sedimentar e menor mobilidade do substrato (baixa-energia), o que confirma o contexto da icnofácies Cruziana, a qual estaria inserida no contexto paleoambiental de marés amplificadas por tempestade, de alta-energia. Por outro lado, do ponto de vista estratigráfico, a icnocomunidade registra uma superfície de omissão. Tal superfície é aqui interpretada como o final do registro do assoreamento do espaço de acomodação/acumulação sedimentar em uma região marinha rasa/parálisa, sobre a qual a criação de espaço adicional, induzido por inundação marinha, permite a retomada da migração de *sandwaves*, que sepultam a superfície bioturbada, marcando um diastema no registro sedimentar. Desta forma a icnocomunidade permite traçar (limitar), em termos estratigráficos, elementos arquiteturais AFr na Formação Furnas, os quais são, conceitualmente, parasseqüências.